



## Descrição Linguística e Ensino de Língua Portuguesa: um Olhar sobre a Segunda Articulação da Linguagem

### *Linguistic Description and Portuguese Language Teaching: A Perspective on the Second Articulation of Language*

**Daiane Karla Correia Jodar**

**Resumo:** Este estudo insere-se no campo da Linguística Funcional e tem como objetivo discutir, em nível teórico, a noção de segunda articulação da linguagem, conforme formulada por André Martinet, destacando suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa. Parte-se do pressuposto de que a compreensão da estrutura articulatória da língua é fundamental para a formação da competência linguística dos estudantes, sobretudo no que diz respeito à relação indissociável entre forma, função e uso. A segunda articulação, responsável pela organização dos fonemas enquanto unidades distintivas sem significado próprio, é concebida como um componente estrutural essencial para o funcionamento do sistema linguístico e para a produção de sentidos na comunicação. Sob a perspectiva funcionalista, argumenta-se que o ensino dos fonemas não deve restringir-se à memorização de categorias abstratas, mas integrar-se a uma abordagem que valorize o uso efetivo da língua e sua dimensão comunicativa. Dessa forma, a discussão teórica proposta evidencia que a compreensão da segunda articulação da linguagem pode contribuir significativamente para o ensino de Língua Portuguesa, ao favorecer práticas pedagógicas que articulem conhecimento linguístico, reflexão sobre o funcionamento da língua e desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos.

**Palavras-chave:** segunda articulação; linguística funcional; ensino de língua portuguesa.

**Abstract:** This study is situated within the field of Functional Linguistics and aims to discuss, at a theoretical level, the concept of the second articulation of language as formulated by André Martinet, highlighting its contributions to the teaching of Portuguese Language. The analysis is based on the assumption that understanding the articulatory structure of language is essential for the development of students' linguistic competence, particularly with regard to the inseparable relationship between form, function, and use. The second articulation, responsible for organizing phonemes as distinctive units without inherent meaning, is conceived as a fundamental structural component of the linguistic system and of meaning production in communication. From a functionalist perspective, it is argued that the teaching of phonemes should not be limited to the memorization of abstract categories, but should be integrated into an approach that values actual language use and its communicative dimension. Thus, the theoretical discussion proposed demonstrates that understanding the second articulation of language can significantly contribute to Portuguese Language teaching by promoting pedagogical practices that articulate linguistic knowledge, reflection on language functioning, and the development of students' communicative competence.

**Keywords:** second articulation; functional linguistics; portuguese language teaching.

## INTRODUÇÃO

Pode-se considerar a linguística como uma ciência que estuda a forma de se comunicar, pensar e se expressar de uma sociedade, ou seja, sua língua e as linguagens provenientes dela. Dentre os estudiosos, que abordaram tais questões, tem-se Saussure, chamado o pai da linguística moderna, o qual foi um dos primeiros a publicar estudos na área da linguagem e muitos dos seus conceitos já foram vistos e revistos por muitas correntes de estudos que se constituíram a partir de suas teorias, ora complementando-a, ora opondo-se a ela, e seu pensamento influencia estudos e pesquisas até os dias atuais. Para ele, a linguagem tem um lado individual e outro social, a fala consiste em um sistema individual, já a linguagem é um sistema social, em que se pode citar a interação humana através da língua, define a língua como um sistema, sendo impossível conceber um sem o outro. Desse modo, afirma-se que a função cumprida pela linguagem no desenvolvimento humano é algo inigualável e a relação do sujeito com a realidade se faz sempre mediada pelo outro através da linguagem.

Saussure (1969) rompeu com a linguística comparatista de sua época, chamada mais tarde de estrutural, nascendo, por meio de estudos feitos por ele, o estruturalismo linguístico e a criação da teoria dos signos. Focou muito seu trabalho no estudo da língua e definiu-a pela divisão de significante e significado para formar o signo (Paveau e Sarfati, 2008). De acordo com o autor, uma coisa é definida somente quando está em oposição com outra. Seguiram a linha do estruturalismo de Saussure: Bloomfield, nos Estados Unidos; Hjelmslev, na Escandinávia; Meillet e Benveniste na França; e duas figuras muito importantes da Escola de Praga: Jakobson e Trubetzkoy.

O que se pode dizer sobre o estruturalismo é que, na França, essa corrente também deixou suas marcas, com André Martinet<sup>1</sup> e seu funcionalismo<sup>2</sup>. Segundo Conejo (2007), as intenções de Martinet foram no sentido de estudar e elaborar um estudo de uma linguística mais concreta e fácil de assimilar. Nota-se, então, que a palavra função foi então utilizada para caracterizar a fala como instrumento de comunicação; para tomar como ponto de referência objetos diferentes por meio de unidades linguísticas diferentes; e para demonstrar que as unidades sintáticas estão entrelaçadas a um contexto maior, a sentença, por meio da relação gramatical, contribuindo para o seu sentido. Mesmo com toda essa amplitude da palavra função, não se pode deixar de confiar a André Martinet (1975) a chamada teoria da dupla articulação da linguagem, por meio da qual dividiu-se a língua em primeira e segunda articulação.

Através desta teoria, é possível perceber que Martinet (1975) mostrou que as estruturas que constituem a língua evoluem e não são elementos isolados. No tópico seguinte, serão apresentadas questões referentes à corrente e à teoria cuja grande contribuição teve Martinet (1976).

*1 André Martinet- Linguista francês, professor de linguística francesa e grande nome do funcionalismo linguístico*

*2 Funcionalismo: corrente que privilegia “as constantes transformações das formas da linguagem na sociedade”, o significado e o uso das formas linguísticas nas situações comunicativas.*

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Primeiramente, antes de aprofundar a discussão teórica acerca da dupla articulação, faz-se necessário situar esse conceito no âmbito das abordagens funcionalistas da linguagem, que compreendem os fenômenos linguísticos a partir de sua funcionalidade comunicativa. Sob essa perspectiva, as unidades linguísticas, sejam elas dotadas ou não de significado, são analisadas em função de seu papel no uso efetivo da língua. Assim, a dupla articulação não se limita a uma explicação estrutural do sistema linguístico, mas constitui um referencial teórico que permite articular descrição linguística e práticas de ensino, aspecto que será desenvolvido na fundamentação teórica a seguir.

### A Teoria Funcionalista de Martinet

O termo funcionalismo faz jus ao nome, pois é uma corrente baseada no funcionamento e no uso da língua, sendo analisada a partir do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística, tendo a sintaxe como uma estrutura em constante mudança, em consequência das alterações do discurso. Desse modo, para entender o fenômeno sintático, conforme a visão funcionalista, faz-se necessário estudar a língua em uso em seus contextos discursivos específicos, pois é neste contexto que a gramática é constituída, como afirma Martelotta (2008, p.29), um estudioso dessa corrente funcionalista:

O funcionalismo linguístico contemporâneo difere das abordagens formalistas – estruturalismo e gerativismo – primeiro por conceber a linguagem como instrumento de interação social e segundo porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que verifica esse uso. Os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes. Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso. Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. Nesse sentido, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema.

Um dos propósitos do funcionalismo é fazer da língua uma descrição abrangente, se caracteriza por considerar a língua um instrumento de comunicação, não autônomo, mas com uma estrutura flexível, adaptável às pressões de diversas situações comunicativas, que auxiliam a indicar sua estrutura gramatical.

Nesse sentido, embasado na teoria funcionalista, André Martinet<sup>3</sup> foi um linguista que se diferenciou pelo desenvolvimento do funcionalismo em sequência da corrente estruturalista e aplicou este paradigma linguístico à fonologia, morfologia e sintaxe do francês, constituindo também uma referência para o estudo da fonética diacrônica e da variação dialetológica. O linguista definiu a língua como um instrumento de comunicação duplamente articulado e de manifestação vocal. Sua teoria parte de uma reflexão constante sobre a “diversidade das línguas”.

Nessa perspectiva, o funcionalismo do autor se inspira na necessidade de compreensão da natureza e da dinâmica da linguagem com a finalidade de estabelecer e identificar uma pertinência comunicativa nos processos de comunicação. Martinet (1975, p. 15) distinguiu dois tipos de pertinência, as dos fonemas chamadas de distintivas e a dos monemas, chamada de significativa. Às duas pertinências denomina-se “dupla articulação”.

Nesse sentido, torna-se pertinente retomar os fundamentos estruturais que explicam o funcionamento da língua enquanto sistema organizado, especialmente aqueles que evidenciam a relação entre unidades mínimas e produção de sentido. A noção de dupla articulação da linguagem, formulada por André Martinet (1975), apresenta-se como um conceito central para compreender como a língua se organiza economicamente, permitindo a combinação de um número limitado de unidades distintivas para a construção de um número potencialmente infinito de enunciados. Tal concepção oferece subsídios teóricos relevantes não apenas para a descrição linguística, mas também para a reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa, ao explicitar a articulação entre forma, função e uso. Para uma discussão sobre ela, inicia-se a próxima seção.

## A Dupla Articulação da Linguagem

Para dar início aos estudos sobre a dupla articulação, cabe a busca do significado da palavra articulação neste contexto, conforme Martellotta<sup>4</sup> (2008, p.37). Com sua origem da palavra latina “artus”, tendo seu diminutivo “articulus”, que significa articulações dos ossos, membros do corpo, “constituído dos membros ou partes, subdivisão, membro”. A partir dessa informação, ao dizer que a língua é articulada, tem-se por objetivo afirmar que as unidades linguísticas se segmentam em unidades menores. Portanto, a dupla articulação da linguagem é um dos dois princípios básicos da gramática para os funcionalistas, além da pertinência comunicativa.

Portanto, considerar a linguagem humana como articulada e dividida, compreende-se em saber que os enunciados produzidos em uma língua são divisíveis podem ser desmembrados em pequenas partes, formando o resultado da junção de elementos que podem ser encontrados em outros enunciados.

*3 Nascido na França, grande nome do funcionalismo linguístico, nasceu a 12 de Abril de 1908, em Saint-Albans-des-Villards (Savoie), e faleceu a 16 de Julho de 1999, em Châtenay-Malabr.*

*4 Martellotta: Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor dessa disciplina na mesma universidade. Coordenador geral do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Membro do Projeto para a história do português brasileiro, é organizador e coautor de diversos livros de destaque na área.*

Assim, a dupla articulação é uma característica marcante de nossa linguagem. Isso por que, as línguas humanas são constituídas sobre uma codificação em dois estágios, e “cada uma das unidades que resultam de uma primeira articulação está, portanto, articulada, por sua vez, à unidades de um outro tipo” (Martinet, 1975, p.13).

Nos próximos parágrafos, será explicada a definição das duas articulações mencionadas anteriormente.

## A Diferença entre Primeira e a Segunda Articulação

Sobre a primeira articulação, Martinet (1975, p.11) a define como “o modo por que se ordena a experiência comum a todos os membros de determinada comunidade linguística”. Isso significa que a palavra é constituída por unidades dotadas de sentido e a menor dessas unidades, chama-se monema. Sobre monemas, o autor (1975, p.11) afirma que:

Como seu significado e significante, as unidades da primeira articulação são signos, e signos mínimos por não poderem analisar-se em sucessões de signos menores. Não existe termo universalmente aceite para designar tais unidades; pela nossa parte, chamamos-lhes monemas.

Conforme o Martellotta (2008), seguem as informações de como podem ser fragmentados os enunciados de acordo com a dupla articulação. Observa-se as explicações dadas sobre monemas e como são divididos e os valores que cada um obtém dentro da formação das palavras e do enunciado:

*Os violonistas tocavam músicas clássicas*<sup>5</sup>

Esse enunciado, como qualquer outro, é dividido em unidades menores. Observa-se então, que pode ser fragmentado em cinco palavras.

*Os / violinistas / tocavam / músicas / clássicas*

Nota-se que, para compor sentenças como essas que o falante elege as palavras arquivadas em sua memória, aquelas que nos contextos têm o efeito significativo, “articulando-as” conforme as regras de formação de sentenças da língua. Cada uma dessas palavras, constituem um elemento independente, podendo vir a ocorrer em outras sentenças, dependendo dos interesses de comunicação do falante. Ao observar estas palavras, nota-se que são resultado da junção de unidades morfológicas, o que significa que a sentença pode ser dividida em unidades menores:

*O/s violinista/s música/s clássica/s*

*O violinista música clássica*

Nas quatro palavras acima citadas, observa-se, de um lado a presença do elemento e, de outro lado, a sua ausência, marcada pelo símbolo \*\*\* : A ausência do elemento, influi no significado e no valor do vocábulo, que perde a marca de plural, passando para o singular. Fica claro que o elemento, neste exemplo, fica responsável pela expressão do plural, chamado tradicionalmente de desinência de número.

<sup>5</sup> Vide Martellotta (2008, p. 37-39)

O monema – a que se une ao radical da palavra “música” é denominada de vogal temática, ajuda a diferenciar as palavras em classes e subclasses. No entanto, o elemento –a de “clássica” indica que a essa palavra pertence ao gênero feminino, oposto a “clássico”, classificando-se então, como desinência de gênero.

No que se diz respeito ao elemento – ista, de “violinista”, unido aos radicais violin-, music-, clássic-, o sufixo – ista, a vogal temática –a e a desinência –a formam elementos que geralmente constituem a estrutura morfológica de vocábulos portugueses. Pode-se observar também, que em se tratando do verbo “tocavam”, o elemento –m, mostra que este está na terceira pessoa do plural, o –va é uma característica do tempo verbal pretérito imperfeito do indicativo e a vogal temática –a- indica que o verbo pertence à primeira conjugação

O monema identifica-se com radicais, vogais temáticas, prefixos, sufixos e desinências, é a menor unidade significativa que compõe a estrutura gramatical de uma língua. Desse modo, o enunciado citado anteriormente ficaria dividido da seguinte forma:

O/s / violin/ista/s / toc/a/va/m / music/a/s / clássic/a/s.

Segundo Paveau e Sarfati, (2006), as unidades chamadas de primeira articulação têm um sentido e uma estrutura vocal, são signos com duas faces, um significante e um significado. Martinet (1976) os denomina monemas. O linguista usa esse nome para distinguir as unidades que possuem uma pertinência comunicativa, considerando que a noção de morfema não é operatória.

Esta sequência citada acima pode ser dividida em unidades ainda menores, que levam o nome de fonema e pertencem à segunda articulação. A relação de fonemas de uma língua é aberta, por conter um sentido maleável, pois a língua está em constante evolução. Martelotta (2008) cita que os fonemas são parte da estrutura fonética das línguas, são usados para formar “o corpo sonoro” do vocábulo e possuem uma função distintiva, na troca de um pelo outro há uma mudança no significado da palavra como se pode observar no exemplo das palavras “tocavam vs. tomavam” quando se troca /k/ por /m/. Vale ressaltar que a letra k não é um monema, porque não indica informação sobre a estrutura gramatical da palavra “tocavam”, mas é um elemento importante para a distinção de vocábulos.

Essa é a segunda articulação da língua. Nesse plano da linguagem, as unidades possuem apenas valor distintivo, já que com a mudança de fonemas, podemos formar palavras diferentes. Desse modo, compreende-se o termo “dupla articulação”: formada por dois tipos diferentes de unidades (mínimas), os monemas e os fonemas, os primeiros são elementos significativos, a respeito da estrutura semântica ou gramatical da palavra e os segundos não são significativos, porém têm a função distintiva.

## A SEGUNDA ARTICULAÇÃO DA LINGUAGEM E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A noção de segunda articulação da linguagem constitui um dos pilares teóricos da Linguística moderna e desempenha papel fundamental na compreensão do funcionamento do sistema linguístico, com impactos diretos no ensino de Língua Portuguesa. Neste capítulo, parte-se da concepção de que refletir sobre a organização interna da língua, especialmente no que se refere ao papel dos fonemas enquanto unidades distintivas, possibilita ao professor desenvolver práticas pedagógicas mais reflexivas, superando abordagens centradas exclusivamente na normatividade gramatical.

A proposta de dupla articulação da linguagem foi sistematizada por André Martinet, para quem a língua se organiza em dois níveis articulatórios interdependentes. O primeiro nível corresponde às unidades dotadas de significado — tradicionalmente associadas aos morfemas —, enquanto o segundo diz respeito aos fonemas, unidades mínimas desprovidas de significado, mas essenciais para a distinção entre palavras e formas linguísticas (Martinet, 1976). Conforme afirma o autor, “a língua é duplamente articulada, pois pode ser analisada em unidades significativas e em unidades distintivas” (Martinet, 1976, p. 17), o que explica a economia e a produtividade dos sistemas linguísticos.

Sob essa perspectiva, a segunda articulação revela como um número limitado de fonemas permite a formação de um conjunto vasto de palavras e enunciados. No ensino de Língua Portuguesa, essa compreensão contribui para que o estudante perceba que pequenas alterações formais no plano sonoro são capazes de produzir diferenças significativas no plano do sentido. A oposição entre palavras como *casa* e *capa*, por exemplo, evidencia a função distintiva dos fonemas e favorece o desenvolvimento da consciência fonológica, habilidade essencial para a leitura e a escrita, especialmente nos anos iniciais da escolarização.

Do ponto de vista funcionalista, a abordagem da segunda articulação no ensino não deve restringir-se à identificação abstrata de fonemas. Ao contrário, é necessário relacionar esses elementos às práticas reais de uso da língua, considerando os contextos comunicativos em que se inserem. Câmara Jr. (2009) já destacava que a análise da estrutura linguística não pode dissociar forma e funcionamento, uma vez que a identidade das unidades linguísticas se constrói no uso. Assim, ainda que os fonemas não possuam significado isoladamente, eles participam da construção do sentido ao integrarem morfemas e palavras em contextos discursivos específicos.

Essa compreensão é particularmente relevante para o trabalho pedagógico com questões recorrentes no ensino de Língua Portuguesa, como a ortografia, a segmentação vocabular e a variação linguística. Ao discutir por que determinadas palavras apresentam grafias distintas apesar de semelhanças fonéticas, o professor pode articular fonologia e morfologia, evidenciando a lógica interna do sistema linguístico e promovendo uma reflexão mais consciente sobre a língua. Nesse sentido, a segunda articulação atua como base teórica para a compreensão de

processos morfológicos, como a derivação e a flexão, que dependem diretamente da organização fonêmica das palavras.

Ao tratar da morfologia sob uma perspectiva funcional, Basílio (2011) ressalta que as unidades linguísticas devem ser analisadas a partir de seu funcionamento no léxico e no discurso. Essa abordagem permite compreender que a estrutura interna das palavras envolve operações fonológicas e morfológicas que produzem efeitos semânticos específicos. No ensino, a análise de formações como feliz, infeliz e felizmente possibilita ao aluno perceber como a organização interna da palavra reflete escolhas comunicativas e intenções de sentido, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa da gramática.

A relação entre morfologia, texto e discurso também é enfatizada por Koch e Elias (2016), ao defenderem que os elementos linguísticos, inclusive os morfológicos, participam ativamente da construção da coerência e da progressão textual. Prefixos e sufixos, por exemplo, podem atuar como marcas avaliativas ou aspectuais, interferindo na argumentação e na interpretação dos textos. Dessa forma, a segunda articulação da linguagem não se limita ao nível da palavra, mas estende-se à organização do sentido no texto, aspecto central para o ensino de leitura e produção textual.

No âmbito da formação docente, a compreensão da segunda articulação da linguagem contribui para uma atuação pedagógica mais fundamentada teoricamente. Neves (2018) defende que as categorias linguísticas devem ser analisadas a partir de seu funcionamento efetivo nos usos reais da língua, perspectiva que dialoga diretamente com o ensino reflexivo de Língua Portuguesa. Ao dominar conceitos como fonema e morfema em uma abordagem funcional, o professor torna-se capaz de explicar fenômenos linguísticos de forma mais coerente, evitando explicações simplistas ou exclusivamente normativas.

No campo específico do ensino, Antunes (2014) argumenta que o trabalho com a língua deve privilegiar a reflexão sobre seus usos e funcionamento, e não apenas a classificação de formas. Para a autora, ensinar gramática implica levar o aluno a compreender como os recursos linguísticos produzem sentidos nos textos. Nesse contexto, a segunda articulação da linguagem oferece subsídios teóricos importantes para a construção de práticas pedagógicas que integrem fonologia, morfologia e uso discursivo, favorecendo o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes.

Dessa forma, entende-se que a segunda articulação da linguagem constitui um conceito central para o ensino de Língua Portuguesa, na medida em que permite articular forma, significado e uso. Ao ser trabalhada de modo contextualizado e reflexivo, essa noção contribui para a formação de sujeitos linguisticamente críticos e para o fortalecimento da prática docente, tanto na educação básica quanto no ensino superior. Reconhece-se, contudo, que o tema permanece aberto a novos diálogos teóricos e metodológicos, reafirmando o caráter dinâmico da Linguística e de suas interfaces com a Educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a noção de dupla articulação da linguagem, sistematizada por André Martinet, constitui um dos pilares teóricos fundamentais para a compreensão do funcionamento do sistema linguístico e para a reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa. Ao evidenciar a organização da língua em dois níveis articulatórios — o das unidades significativas (monemas) e o das unidades distintivas (fonemas) —, esse conceito permite compreender a economia e a produtividade das línguas naturais, bem como a indissociável relação entre forma, significado e uso.

Sob a perspectiva funcionalista, a segunda articulação não deve ser concebida como um mecanismo abstrato e desvinculado da prática comunicativa, mas como parte integrante do processo de produção de sentidos nos usos reais da língua. Ainda que os fonemas não possuam significado isoladamente, sua função distintiva é essencial para a constituição das palavras e para a organização do sistema linguístico, o que reforça sua relevância no ensino, especialmente no desenvolvimento da consciência fonológica e na compreensão da estrutura interna das palavras.

Nesse sentido, a articulação entre descrição linguística e ensino de Língua Portuguesa revela-se fundamental para a construção de práticas pedagógicas mais reflexivas, que superem abordagens exclusivamente normativas ou classificatórias. Ao integrar os pressupostos da Linguística Funcional ao ensino, o professor amplia as possibilidades de compreensão dos fenômenos linguísticos, favorecendo uma abordagem que valorize o funcionamento da língua em contextos comunicativos concretos.

Dessa forma, compreender a segunda articulação da linguagem contribui não apenas para o aprofundamento teórico no campo da Linguística, mas também para o fortalecimento do ensino de Língua Portuguesa, ao possibilitar a articulação entre conhecimento linguístico, reflexão sobre o uso e desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes. Reconhece-se, contudo, que o tema permanece aberto a novas investigações, reafirmando o caráter dinâmico da linguagem e das abordagens que se dedicam ao seu estudo.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2014.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 2011.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINET, André. **Elementos de linguística geral**. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

\_\_\_\_\_, André. **Conceitos fundamentais da linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.